

■ TEODOMIRO BRAGA

Senado Federal

Chegando a hora da alternância?

As pizzas enviadas na semana passada aos nossos nobres senadores pelo PNBE, uma ativa e respeitada entidade empresarial, significaram muito mais que criativa forma de pressão para que o Senado Federal não recue e expulse da Casa os senadores envolvidos na fraude do painel eletrônico.

As pizzas do PNBE representaram sobretudo ostensiva tomada de posição de parte do empresariado nacional contra o senador Antonio Carlos Magalhães, que atuou como um dos principais interlocutores políticos do *establishment* junto aos governos de Fernando Collor e Fernando Henrique.

O Brasil de empresários que pedem a guilhotina para um de seus velhos servidores é, decididamente, um país muito diferente do Brasil das eleições de 1989, quando Mário Amato, então presidente da poderosa Fiesp, ajudou a *demonizar* o candidato das esquerdas, ao anunciar que milhões de empresários se mudariam para Miami se Lula ganhasse as eleições.

Os patrões realmente se atemorizaram em 1989, ano que parece tão distante, com a perspectiva de a esquerda conquistar o poder, hipótese que alarmou outra força poderosa, a Rede Globo de Televisão, a mesma Globo que agora se destaca na linha de frente dos que exigem punição exemplar para ACM e Arruda.

Os dois senadores já foram julgados pela opinião pública e pelas elites, e o veredicto foi um avassalador voto pela cassação. O azar de ACM e Arruda é que eles se envolveram num delito grave num desses momentos mágicos em que o Brasil acorda e embarca num sonho coletivo de mudanças, embalado pelo sentimento de indignação com sucessivos escândalos de diversos tipos.

O primeiro sinal deste despertar foi a avalanche de votos nos candidatos da oposição, em particular do PT, nas eleições municipais de 2000. Desde então, mostram as pesquisas, a insatisfação popular cresce sem parar. Para infelicidade ainda maior de ACM e Arruda, o desfecho do caso envolvendo os dois coincidiu com o agravamento da crise de energia, outro escândalo que fez aumentar a impaciência deste decisivo personagem chamado opinião pública.

Se em 1989 a cruzada antipetista de Mário Amato ganhou palmas dos capitães da indústria, hoje a classe empresarial se expressa por gente como a turma do PNBE, para quem o diabo é outro. Vale a pena ouvir o que tem a dizer o senador José Alencar, eleito em 1998 pelo PMDB mineiro. Um dos maiores empresários do país, Alencar faz contundente diagnóstico da situação: "O Brasil está exigindo alternância de poder."

A sua certeza da vontade da população de trocar de mandatários é reforçada pelas pesquisas de opinião: "A gente não torce contra, mas as coisas vão cada vez pior para o governo. Até recentemente, as pesquisas indicavam que 70% dos eleitores queriam votar num candidato de oposição. Acho que esse índice já subiu para uns 76%, em razão da crise de energia."

Para o senador mineiro, é necessário assentar um novo Brasil sobre três pontos básicos: sentimento nacionalista, sensibilidade social e absoluta proibidade no tratamento das coisas públicas. Ele acha que seu partido, o PMDB, tem candidatos identificados com estes propósitos, como o senador Pedro Simon e o governador Itamar Franco. Mas diz reconhecer que os políticos da esquerda são os que mais possuem as características representadas por aquele tripé.

"Estas virtudes estão à esquerda. Precisamos de um governo de esquerda", afirma José Alencar, esclarecendo, em seguida, para não deixar dúvidas sobre quem está falando: "O PT é a própria esquerda."

Medo de Lula? Isso é coisa da época de Mário Amato. Ex-presidente da Federação das Indústrias de Minas, o senador está certo de que, se o candidato do PT ganhar as eleições de 2002, terá plenas condições de fazer um bom governo. "Os quadros do PT são muito bons", avalia Alencar.

Para ilustrar seu conceito positivo dos petistas, ele conta, com entusiasmo, a explicação da prefeita do PT no município de Várzea Palma, no miserável Vale do Jequitinhonha, sobre como ela vem conseguindo fazer boa gestão com tão poucos recursos. "A resposta dela foi simples: 'não roubando'", relata o senador.

De acordo com Alencar, Lula é um gigante que tem coragem, liderança e todas as qualidades para comandar o país. Diante da possibilidade concreta de Lula e sua turma chegar ao Palácio do Planalto, Alencar propõe que os empresários deixem de lado o preconceito e estabeleçam diálogo com as esquerdas, para ouvir e debater suas propostas. "Continuar alimentando preconceito contra as esquerdas é atitude inconseqüente", censura o senador.

José Alencar faz estas análises e recomendações com a autoridade de quem teve quase 3 milhões de votos (maior votação para o Senado em Minas até hoje) e construiu um império industrial, formado por 11 fábricas de tecidos, que produzem marcas familiares aos brasileiros, como as toalhas Artex e os lençóis Santista.